

Com os melhores cumprimentos,
Carlos Marques da Silva

Humanidade: necessidade ou contingência?

Carlos Marques da Silva

“Façamos o homem à Nossa imagem, à Nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.” Génesis 1, 26.

24 *Passámos (aos nossos próprios olhos, diga-se em abono da verdade) de produto da liberdade absoluta de Deus a corolário necessário de milhares de milhões de anos de evolução biológica.*

Palavras como estas alimentam desde há séculos o desmesurado ego colectivo da humanidade. Aos nossos olhos, a existência de seres tão especiais, tão distintos do resto da Criação a ponto de serem capazes de sondar o seu íntimo e questionar as próprias origens, é, por si só, algo de tão formidável que apenas um acto divino poderia gerar semelhantes criaturas; criaturas singulares não apenas criada por Deus, mas também criadas à Sua imagem. Assim sendo, o homem foi gerado vezes sem conta, tantas quantas as culturas, os deuses e os mitos do mundo, e, deste ponto de vista, de certa forma, a humanidade criou-se a si mesma.

Os humanos precisam de ordenar para entender, daí que, confrontados com a desconcertante diversidade da Natureza, sempre tenham sentido uma necessidade irreprimível de a organizar, de a classificar; e, à força de a olharem do seu pedestal divino, iludidos pela perspectiva distorcida que daí obtinham, sempre a ordenaram de tal sorte que a espécie humana ocupasse um dos extremos, o mais nobre, o topo.

Na «grande cadeia do ser», por exemplo – um dos mais populares princípios de sistematização anteriores à divulgação da evolução como princípio ordenador –, cada ser vivo constituía um elo definido numa gradação única e imutável que começava no micróbio mais insignificante e culminava, depois de percorrer todas as «raças humanas inferiores», com o expoente máximo da Criação, o homem branco europeu.

Contudo, segundo esta perspectiva, ainda que de origem divina, a existência da humanidade não podia ser um fenómeno necessário, uma vez que em si mesma a Criação é um acto de liberdade absoluta; a impossibilidade da não criação do Homem faria ruir pela base o conceito de Deus onipotente, pois fã-lo-ia depender da criatura, obrigando à hipótese de um Deus imperfeito.

Com o advento da teoria de Charles Darwin da evolução por selecção natural, em meados do século passado, novas perspectivas se abriram à compreensão da origem do homem. A noção de que a humanidade surgiu por evolução natural a partir de um antepassado primata, comum aos humanos e aos símios antropóides, divulgou-se e implantou-se, a

ponto de destronar a concepção criacionista.

Esta perda de estatuto da humanidade, esta queda do pedestal – desde ser criado à imagem de Deus até se tornar um simples «descendente do macaco» – foi prontamente compensada pelo equívoco entre evolução e progresso. Reforçou-se, assim – desta feita com uma falsa chancela evolutiva –, o preconceito de que existe, realmente, uma ordem simples de complexidade crescente no seio da formidável diversidade orgânica do Planeta. A evolução deveria, pois, processar-se segundo um padrão linear, progredindo ao longo do tempo, partindo dos organismos mais simples (os mais «primitivos» e, conseqüentemente, os menos «evoluídos») para os mais complexos (os mais «evoluídos»), o que implicava, necessariamente, que o seu resultado só pudesse ser um: o Homem; o organismo mais «complexo», mais «evoluído», da Natureza.

Passámos (aos nossos próprios olhos, diga-se em abono da verdade) de produto da liberdade absoluta de Deus a corolário necessário de milhares de milhões de anos de evolução biológica. Antes dominávamos a Natureza por graça divina, depois passámos a ser a razão anunciada da sua existência.

Na realidade, o registo fóssil contraria esta noção de que a origem da humanidade é um fenómeno necessário e demonstra que, tal como afirmou Thomas Henry Huxley, amigo e correligionário de Darwin, a espécie humana existe como parte da Natureza, e não à parte dela. Mais: que não apenas a nossa origem é produto de um processo evolutivo contingente, incontrolável e imprevisível, como também o é o nosso estatuto de espécie singular no seio da família dos homínídeos.

Visto a partir do presente, o mundo em que vivemos e a história da sua evolução faz obviamente sentido: a nossa espécie – *Homo sapiens* – existe e é a única cujas capacidades mentais lhe permitiram chegar aonde chegou. Este cenário compele-nos a pensarmos que a melhor prova de que a evolução operou no sentido do nosso aparecimento é o simples facto de aqui estarmos, sem considerarmos, sequer, a hipótese de a história se poder ter desenrolado de modo diverso, de poderem ter existido cenários alternativos. Daí que a história da vida sobre a Terra seja frequentemente retratada como uma sucessão de

pequenas grandes vitórias, de progressos, na longa, linear e inelutável marcha da evolução em direcção a nós próprios: a origem da vida nos oceanos; o aparecimento dos peixes; a evolução dos anfíbios; a conquista da terra firme; o advento dos répteis; o desaparecimento dos dinossáurios e o inevitável sucesso dos mamíferos...

Tomemos o sucesso dos mamíferos como exemplo – o paradigma da vitória da inteligência sobre a força bruta, o David e o Golias da história da vida. Como poderiam os dinossáurios ter sobrevivido depois de os mamíferos, com a sua organização superior, a sua esperteza, a sua homeotermia, terem entrado em cena? Na realidade, os mamíferos surgiram aproximadamente na mesma altura, ou pouco depois, do aparecimento dos dinossáurios, no final do período Triásico, há cerca de 215 milhões de anos. Durante cerca de 150 milhões de anos – três quartos da sua história – até ao final do período Cretácico, os mamíferos não passaram de um modesto grupo de pequenos animais, vivendo no limbo de um mundo dominado pelos dinossáurios. E, afinal de contas, que terá derrotado o *T. rex* e os seus parentes há 65 milhões de anos? A queda de um corpo extraterrestre, um acontecimento à escala global, imprevisível, que causou a extinção não apenas dos dinossáurios e de outros grupos de organismos terrestres, mas também a de cerca de 76 % das espécies de organismos marinhos de então. Um evento para o qual nenhuma espécie poderia «preparar-se» e ao qual os mamíferos sobreviveram, não por serem intrinsecamente superiores, mas por possuírem, fortuitamente, uma qualquer característica (ou conjunto de características) surgida em circunstâncias completamente distintas. Caso os dinossáurios não tivessem desaparecido nessa altura, provavelmente, ainda hoje dominariam os ecossistemas terrestres do Planeta, com o mesmo sucesso com que o fizeram durante a maior parte do Mesozóico; e nós não estaríamos aqui para nos regozijarmos com a sua má estrela.

A nossa visão do mundo – e do nosso lugar na Natureza – é ainda distorcida por aquilo a que Stephen Jay Gould chamou «*life's little joke*»: o erro de tomarmos linhagens mal sucedidas – virtualmente à beira da extinção, com apenas um ramo, uma única



Fotografia de Victor Almeida

espécie sobrevivente – como arquétipos evolutivos, na vã tentativa de extrair uma linha de progresso de uma realidade profusamente ramificada. Transformámos, assim, a evolução dos homínideos numa linha única de progresso evolutivo e proclamámos como necessário o seu único ramo sobrevivente, o homem.

Há algumas dezenas de anos prevalecia ainda a ideia de que a evolução humana tinha uma história simples, linear, e que jamais duas espécies de homínideos haviam vivido simultaneamente. Nos últimos tempos essa visão modificou-se de forma radical. Dados recentes apontam para o facto de várias espécies de *Homo* (o género a que pertencemos) anteriores à nossa e de *Paranthropus* (outro género de homínideos) terem vivido simultaneamente em África há cerca de 2 a 1,5 milhões de anos (e antes disso diferentes formas de *Australopithecus*) e sugerem que existiram muitas mais linhagens na história da humanidade do que supúnhamos.

Ainda mais recentemente, em Dezembro de 1996, novas datações de fósseis indonésios (divulgadas na revista *Science*) sugerem que o nosso antepassado mais próximo, o *Homo erectus*, teve uma longevidade muito superior ao que se pensava. Segundo esses novos dados, o *Homo erectus* teria vivido em Java até há cerca de 53 000 a 27 000 mil anos; pelo menos, mais 250 000 do que no continente asiático e, talvez, até um milhão de anos mais do que em África. Assim sendo, em dado momento da história, o *Homo sapiens*, a nossa espécie (surgida

em África há cerca de 100 000 anos), coexistiu não apenas com o *Homo neanderthalensis* (o homem de Neanderthal, um ramo colateral ao nosso), na Europa, mas também com o *Homo erectus*. O nosso estatuto singular actual é a excepção, não a regra.

A origem divina da humanidade, produzida *ex nihilo* à imagem e semelhança do Criador, separava-nos da Natureza e dava-nos legitimidade para a subjugar e explorarmos. Por seu turno, o preconceito de que a origem da espécie humana é o resultado necessário de uma evolução biológica linear leva-nos a julgarmos-nos especiais e, de certo modo, superiores ao resto da Natureza. A consciencialização de que somos parte integrante do mundo vivo, o produto de um processo contingente, incontrolável e imprevisível, poderá ajudar-nos a ultrapassar essa megalomania e a encarar o nosso papel no futuro do Planeta de modo mais consentâneo com o nosso real lugar na Natureza.

A vida na Terra, nos últimos 600 milhões de anos, já experimentou cinco grandes extinções em massa, como resultado das quais a maioria das espécies do Planeta se extinguiu. A todas essas grandes extinções sobreveio um período de recuperação, em que as espécies sobreviventes, mais ou menos rapidamente, repovoaram o Planeta. Ao ritmo a que novas espécies presentemente se extinguem – desta vez não por causas naturais mas devido ao impacto negativo da humanidade sobre os ecossistemas globais –, caminhamos a passos largos para uma sexta extinção em massa. E nada nos garante que cá estaremos para testemunhar a subsequente recuperação...



Barroata

41

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS
FEVEREIRO • MARÇO • ABRIL 97 • 500\$00